

**A inclusão do aluno deficiente visual na escola regular<sup>1</sup>**  
**La Inclusión del Estudiante Discapacitado Visual en la Escuela Regular**

Patrícia da Cruz Marques Espindola<sup>2</sup>  
Carla Regina Rachid Otavio Murad<sup>3</sup>

**Recebido em:** 15/08/2020

**Aprovado em:** 25/09/2020

**Publicado em:** 30/09/2020

**Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo repensar e discutir sobre o papel das escolas e principalmente do corpo docente na "inclusão" escolar. Nesse sentido, farei um relato de experiência sobre o meu trabalho de professora de apoio na Escola Estadual Bueno Brandão, no qual auxilio alguns alunos com deficiências, especificamente me atentarei a um aluno, em específico, que tem deficiência visual, mostrando as principais dificuldades enfrentadas no cotidiano de sala de aula, a forma como esse aluno lida com os conteúdos e disciplinas, e principalmente os materiais didáticos que são necessários para que esse aluno aprenda o conteúdo de forma satisfatória e plena. É necessário repensar o papel do Governo do Estado de Minas Gerais, uma vez que nem todas as escolas possuem professora de apoio, e principalmente porque o Governo não investe em materiais didáticos diversos e implementa na escola novas tecnologias que possam auxiliar na prática pedagógica dos alunos com algum tipo de deficiência. Além disso a escola em que atuo, não tem seu espaço físico adaptado para alunos com deficiência visual e cadeirantes. Ou seja, o trabalho da professora de apoio e do corpo docente também é o de auxiliar os alunos na locomoção no espaço escolar. É necessário que a escola, a superintendência de ensino, os pais, e a sociedade de uma maneira em geral cobrem do governo as adaptações necessárias tanto no âmbito físico como no âmbito do ensino para que a escola inclusiva seja de fato uma realidade para os alunos com deficiências e escola.

**Palavras-chaves:** Práticas inclusivas; Apoio pedagógico; Deficiência visual.

**Resumen:**

Este trabajo tiene como objetivo repensar y discutir el papel de las escuelas y especialmente del personal docente en la "inclusión" escolar. En este sentido, informaré de mi experiencia como profesor de apoyo en la Escuela Estatal de Bueno Brandão, en la que ayudo a algunos alumnos con discapacidades, en concreto, prestaré atención a un alumno, específicamente, con discapacidad visual, mostrando las principales dificultades a las que se enfrenta en el día a día de la clase, la forma en que este alumno trata los contenidos y las asignaturas, y principalmente los materiales didáticos que son necesarios para que este alumno aprenda los contenidos de forma satisfactoria y completa. Es necesario repensar el papel del Gobierno del Estado de Minas Gerais, ya que no todas las escuelas tienen un profesor de apoyo, y principalmente porque el Gobierno no invierte en varios materiales didáticos e implementa en la escuela nuevas tecnologías que puedan ayudar a la práctica pedagógica de los estudiantes con algún tipo de discapacidad. Además, la escuela en la que trabajo no tiene su espacio físico adaptado para estudiantes con discapacidad visual y usuarios de sillas de ruedas. En otras palabras, el trabajo del profesor de apoyo y del personal docente es también el de asistir a los estudiantes en su locomoción en el espacio escolar. Es necesario que la escuela, la superintendencia de enseñanza, los padres, y la sociedad en general cubran desde el gobierno las adaptaciones necesarias tanto en el ámbito físico como en el de la enseñanza para que la escuela inclusiva sea de hecho una realidad para los alumnos con discapacidades y la escuela.

**Palabras clave:** Prácticas inclusivas; Apoyo pedagógico; Discapacidad visual.

<sup>1</sup> Artigo apresentado na disciplina Trabalho de conclusão de curso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Presidente Antônio Carlos/UNIPAC.(2008). Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva/Psicopedagoga-UNIPAC-2009. Pós em Educação Ambiental: Escolas Sustentáveis com Ênfases e com vidas. Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP-2017. Pós -Libras-FAVENI-FACULDADE-2016. Atualmente é professora na Secretaria de Educação, atuante na Educação Especial. E-mail: patriciacruzmarques@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Docente de língua inglesa do curso de Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e docente credenciada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da UFTM. Graduada em Letras-Tradução Inglês (UnB), Mestre em Linguística Aplicada (Unicamp) e Doutora em Estudos Linguísticos (UFU). E-mail: carlamurad@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8965-2624>

ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.

## Introdução

Sou graduada em Pedagogia e possuo uma segunda licenciatura em Educação Especial e Pós-graduação voltada para Educação Especial. Trabalho atualmente como professora de apoio do Estado na escola Estadual Bueno Brandão, na qual auxilio alguns alunos com deficiências. Nesse sentido, este trabalho traz como proposta a análise das práticas inclusivas na educação, através de um relato de experiência do acompanhamento de um aluno chamado Rafael, de 15 anos, aluno do primeiro ano do Ensino Médio, que possui deficiência visual desde os 3 anos de idade. Acompanhei esse aluno, e outros alunos com deficiência durante o ano de 2019.

A escola inclusiva deve estar preparada para atender todos tipos de deficiências. Por isso é necessário que os professores busquem cursos de capacitação e cursos de pós-graduação na área da educação inclusiva, principalmente para trocar experiências relacionadas a um material didático de apoio que irá auxiliar o aluno a compreender e absorver melhor o conteúdo. A maior dificuldade que vivencio no cotidiano, auxiliando o Rafael, é em relação a materiais didáticos, uma vez que o governo e a escola não fornecem materiais que permitam que ele entenda melhor o conteúdo e na maioria das vezes os professores, que deveriam nos adiantar o conteúdo e um material didático adaptado a cada tipo de deficiência em sala de aula, não nos repassa.

Portanto, esse relato de experiência se faz necessário, justamente porque explicitarei a forma como lido com essas situações em relação a falta de materiais para o aluno Rafael, bem como procuro desenvolver, ali mesmo em sala de aula, um material que o possa auxiliar a compreender o conteúdo. O aluno faz uso de alguns aplicativos para o celular e leva um computador para a sala de aula.

Esse relato de experiência é também um alerta para que os professores atuem juntamente com todo corpo escolar criando estratégias e novas metodologias de ensino que possam tornar o ensino não somente atrativo, mas que todas as crianças possam desenvolver suas habilidades e se formarem como cidadãos no mundo. Acredito que os professores devem entender as particularidades de cada deficiência e levar em consideração as individualidades de cada aluno em particular, mesmo que haja dois alunos na mesma turma que tenham a mesma deficiência.



**ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.**

É necessário repensar o espaço que os alunos com deficiência ocupam na escola, uma vez que ele não se sentirá inserido no contexto escolar se não participar de todas as atividades que a escola propõe, a escola não adaptando seu espaço físico e seus conteúdos para esses alunos com deficiência não permitirão que eles adquiram autonomia, que se desenvolvam em todas as suas intelectualidades. Aqui, trago o exemplo do aluno, Rafael, deficiente visual, que não pode ter livre acesso ao espaço escolar, uma vez que no pátio e em vários lugares há blocos de concreto, que impedem que ele ande livremente sem se machucar.

#### **Objetivo Geral:**

- Desenvolver materiais didáticos diversos que possam auxiliar nas aulas de todas as disciplinas para alunos com deficiência visual.
- Conscientizar todo corpo docente, supervisores e gestores da escola, da importância de ter reuniões semanais para discutir os conteúdos que serão ministrados durante a semana para que a professora de apoio seja capaz de elaborar um material didático adaptado para cada tipo de deficiência.
- Exigir que o Governo invista em editoras que apresentem materiais didáticos adaptados de todos os livros, principalmente os livros didáticos utilizados nas disciplinas.
- 

#### **Objetivos Específicos:**

- Promover a interação entre todos os alunos, de forma que todos desenvolvam as atividades propostas em grupo.
- Discutir sobre a importância da interdisciplinaridade entre os educadores das classes comuns com a professora de apoio e os educadores das salas de recursos multifuncionais.

#### **Justificativa**

Este trabalho em forma de relato de experiência é uma forma de compartilhar as minhas experiências como professora de apoio de alunos com vários tipos de deficiência, especificamente a deficiência visual. Nesse sentido é uma forma de demonstrar meu cotidiano com um aluno com deficiência visual, apontar suas principais dificuldades e

**ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.**

êxito no ambiente escolar e no cotidiano de sala de aula. Procurarei apontar uma bibliografia que irá contribuir para apontar algumas alternativas possíveis em forma de materiais didáticos para que o aluno com deficiência visual consiga apreender o conteúdo, uma vez que o governo e as escolas ainda não disponibilizam materiais didáticos e novas metodologias para se trabalhar com uma educação inclusiva. Nesse sentido esse relato de experiência serve também como crítica ao governo que ainda não disponibiliza professores de apoio suficientes para a demanda de uma escola regular, no caso da escola onde atuo, de acordo com a regulamentação do estado, eu deveria acompanhar 03 alunos mas no ano de 2019, acompanhei 06 alunos, incluindo o Rafael, que se eu não auxiliasse, estaria sem professora de apoio.

### **Metodologia**

Este trabalho consiste em um relato de experiência, do acompanhamento de um aluno com deficiência visual e seu cotidiano no primeiro ano do ensino médio, assim como uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de entender melhor as características do sujeito com deficiência visual, as principais características e dificuldades de alunos com esse tipo de deficiência, bem como apontar alguns autores que discutem como a escola e o corpo docente devem agir no cotidiano para incluir os alunos com deficiências, nesse caso, alunos com deficiência visual no ensino regular. É importante caracterizar que há várias metodologias que podem ser aplicadas em sala de aula, mas acredito que um ponto em comum de todos os autores estudados nesse trabalho, é que não há fórmulas prontas e metodologias fixas para o ensino de alunos com deficiência visual. Há também o consenso que o corpo docente deve sempre estar atento a novos cursos de formação continuada voltada para o ensino da educação inclusiva, bem como a participação dos pais dos alunos no cotidiano escolar dos seus filhos.

### **Fundamentação Teórica**

Neste item farei um diálogo entre o meu relato de experiência atuando como professora de apoio de um aluno com deficiência visual, no primeiro ano do Ensino médio e com uma bibliografia especializada na temática sobre deficiência visual e educação inclusiva. Levarei em consideração na análise dos autores alguns aspectos como:

**ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.**

estratégias para a inclusão no cotidiano escolar, as principais dificuldades. Como já frisei anteriormente, fui designada a escola Estadual Bueno Brandão para atender uma aluna com paralisia cerebral, em decorrência de uma meningite na infância. Atuo com essa aluna especificamente como sua interprete de libras, mas também com outros alunos com deficiências, especificamente com deficiência intelectual e paralisia cerebral em diferentes níveis de dificuldades.

Esse detalhe é importante, e deve ser repensado pelo corpo docente e professores de apoio em geral, pois por mais que um aluno tenha o mesmo diagnóstico (CID), os níveis de desenvolvimento podem ser diferentes, é o caso na escola em que atuo, há alunos com PC, que possuem um bom desenvolvimento da escrita, outros não. Por isso é importante que o acompanhamento, materiais desenvolvidos e conteúdo ministrado respeite as particularidades de cada aluno. Até mesmo a avaliação deve ser repensada, uma vez que cada aluno com deficiência mostrará seu desenvolvimento de uma determinada maneira.

Desse modo é necessário que o professor planeje suas aulas de forma que todos alunos sejam agraciados, é necessário que ele escolha com cuidado os materiais que adotará em suas aulas bem como a metodologia que irá utilizar nas turmas que tem alunos com deficiência. Sem dúvida é preciso que o professor considere a melhor forma de se avaliar cada aluno, de ministrar conteúdo. A avaliação é algo que deve ser repensado, pois, como nos diz Karpinski:

É importante ressaltar também que algumas avaliações escolares são motivos de opressão para os alunos, principalmente quando se trata de aprender a viver com outros indivíduos diferentes. Isso parece ser uma ameaça à estabilidade social, econômica, política e cultural da nossa realidade. Contrariando esses princípios, precisamos construir uma sociedade mais humanizada, na qual o diferente possa ser acolhido com dignidade e todos aprendamos a viver juntos<sup>4</sup>.

Para que o processo de inclusão seja uma realidade nas escolas, para além dos aspectos burocráticos que se definem pelos recursos que a escola deve receber para conseguir implementar uma educação inclusiva, é preciso que ela redefina seu lugar como criadora de saberes, uma vez que é necessário que ela considere mais a realidade

---

<sup>4</sup> KARPINSKI, Carmem Salete W. *A inclusão social e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular*. 93 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste de Santa Catarina. Joaçaba, 2009. p.14-15.



ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.

social e subjetiva dos seus alunos. Claro, há desafios que os professores enfrentam em sala de aula em relação ao processo de inclusão: como nos diz D'Agostini:

Observamos professores que ainda se sentem impotentes diante do processo de incluir, por isso precisam compartilhar com outros educadores, diretores de escola, com o intuito de encontrar o caminho que os favoreça vencer barreiras ou dificuldades. São diversos os elementos que interferem no processo de aprendizagem dos alunos. Dentre os quais é importante destacarmos: discriminação, exclusão, falta de compreensão entre o potencial de aprendizagem da criança e os resultados esperados pela escola<sup>5</sup>.

Há um aluno, chamado Rafael, que cursou o primeiro ano do ensino médio, que possui deficiência visual, desde os 3 anos de idade, e durante todo esse ano letivo o auxiliei como professora de apoio em todas as disciplinas do primeiro ano. É importante ressaltar, que durante o ensino fundamental o Rafael foi auxiliado por uma professora que o atendia também, adaptando todos materiais das disciplinas para que ele absorvesse melhor o conteúdo. O aluno Rafael era atendido, por essa professora, no fundamental, na sala de AEE, no contra turno da escola, e ela que o ensinou o braille e o ajudou na sua formação durante todo o ensino fundamental, sem dúvida, o trabalho desenvolvido por ela ajudou no desenvolvimento cognitivo e social.

Meu relato de experiência é voltado a essa deficiência em específico, principalmente por causa do aluno em si. Sua determinação e estória de vida são cativantes e sua vontade de ser um aluno, ou seja, de estar inserido no contexto escolar, aprender todo conteúdo, o sonho de cursar uma Universidade e o trabalho que consegui desenvolver com ele merece um relato de experiência. Como já relatei acima, infelizmente há uma deficiência em relação ao diálogo estabelecido entre a professora na sala de aula e as professoras de apoio, ou seja, o conteúdo que é ministrado durante a semana deveria ser repassado a mim, assim como os materiais com antecedência, o que não acontece. Nesse sentido, levo meu computador para sala de aula, assim como uma sacola com vários materiais como: cartolina, cola, pvc, barbante, dentre outras coisas para ali mesmo ao ver o conteúdo que será ministrado “fabricar” um material que possa auxiliar o Rafael no melhor entendimento.

---

<sup>5</sup> D'AGOSTINI, Fabiana Piccoli. *Concepções de professoras que atuam na escola especial sobre a inclusão de alunos no ensino regular*. Dissertação de Mestrado. Universidade Do Oeste de Santa Catarina. 2011. p.72.

ESPÍNDOLA, P. C. M.; MURAD, C. R. R. O.

O Rafael é muito atento, ouve toda aula com atenção, geralmente quando é necessário, imprimo fotos e contorno as fotos com barbantes ou outros materiais que possuem relevo para que ele possa acompanhar o desenho e entender. Já fiz mapa do Brasil envolto em barbante para que ele acompanhasse o formato e o local de cada estado. Rafael possui um computador que leva todo dia para as aulas e com o auxílio do Dosvox e a reglete que o auxilia para a escrita braile, que ele domina muito bem.

Fonseca, em seu trabalho sobre “O uso do Software Dosvox na Educação dos Deficientes Visuais<sup>6</sup>” aponta que os deficientes visuais sempre tiveram dificuldade em desenvolver a leitura e escrita através do Sistema Braille, uma vez que era difícil se comunicar com as pessoas que não entendiam o Braille. Nesse sentido houve a necessidade de se procurar recursos tecnológicos na educação para alunos com deficiência visual. O DOSVOX<sup>7</sup>, é um sistema operacional criado pelo Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ como ferramenta para o trabalho com pessoas com deficiência visual. Esse recurso permite que o aluno desenvolva a escrita e a leitura, além de oferecer que haja a digitação dos seus textos, o desenvolvimento de trabalhos escolares, ouvir o conteúdo de um livro, revista, noticiário, além de navegar na internet através de digitação de áudio. Fonseca nos diz que os principais softwares apresentados para se trabalhar com deficientes visuais são: O Dosvox, o Virtual Vision e o Jaws.

Para facilitar a aprendizagem do Rafael, para que o mesmo entendesse o conteúdo ministrado pela professora em sua integralidade, eu procurava em sua maioria transcrever tudo para o braile, juntamente com ele em sala de aula. Nas aulas em que imagens faziam parte do ensino, como por exemplo: Geografia (mapas) aulas de biologia (imagens de célula) nas aulas de matemática, para demonstrar as fórmulas ensinadas pela

<sup>6</sup> FONSECA, Waldecy de Nazaré da. *O uso do software dosvox na educação dos deficientes visuais*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá. 2012.

<sup>7</sup> Fonseca nos diz que o Desvox se constitui em um conjunto de programas que permite a acessibilidade digital, através de um sintetizador de voz em português, como o sistema lê e digitaliza o som em português, o diálogo homem/máquina é feito de forma simples e sem jargões. Esse programa também utiliza padrões internacionais de computação, podendo ler dados e textos gerados por programas e sistema de uso comum em informática. O virtual Vision é um “leitor de telas” capaz de informar aos usuários quais os controles (botão, lista, menu) estão ativos em determinado momento, podendo ser utilizado também para navegação na internet. Esse sistema que se comunica com o usuário através de síntese de voz. O Jaws também é um “leitor de telas” que permite facilmente o acesso ao computador; esse programa oferece tecnologia de voz sintetizada em ambiente Windows para acessar softwares, aplicativos e recursos na internet. Utiliza a placa e as caixas de som do computador para fornecer informações exibidas no monitor possibilitando, também, o envio dessas informações a linhas braile. Além desses existe disponível também, o Virtual Magnifyng Glass, Open Book, Magic, Conect, Braille Falado, Linha Braile, Software GRAPHIT, Programa TGD (Tactile Graphics Designer) e Software GRAPHIT. Ver: FONSECA, Waldecy de Nazaré da. *O uso do software dosvox na educação dos deficientes visuais*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá. 2012. p 32;



ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.

professora, eu utilizava ou o barbante ou cola 3D. Ele sempre se mostrava muito atento as aulas, ou seja, ouvia tudo o que a professora explicava, mas as vezes não conseguia absorver algumas informações, ficava muito curioso e me perguntava. Por isso a maioria do conteúdo desenvolvido no primeiro ano, era transcrito por mim em braille. Mas é importante frisar que eu também tinha dificuldade de transcrever alguns conteúdos, principalmente das aulas de física. Friso aqui que as disciplinas em que o Rafael mais apontou dificuldades foram na área de exatas: física, matemática e química. As aulas que exigia imagens, eu sempre procurava utilizar a cola 3d ou o barbante.

Koepsel em seu trabalho “Materiais Didáticos no ensino de Matemática para estudantes com deficiência visual” nos diz que a disciplina de matemática é a que mais necessita da visualização, devido a sua necessidade de representação, o que dificulta o ensino da mesma aos alunos com deficiência visual. “os estudantes com deficiência visual necessitam de materiais didáticos que sejam manipuláveis, que possuam texturas, tamanhos e formas diferentes<sup>8</sup>”

Nesse sentido Kallef<sup>9</sup> nos diz que é importante que o educador se atenha a habilidade da visualização em nossa mente, e que é imprescindível que essa habilidade ocupe seu lugar no ensino de matemática. O desenvolvimento dessa habilidade acontecerá ao colocarmos para os alunos um apoio didático baseado em materiais manipulativos concretos ou mesmo virtuais que irão representar e modelar o objeto matemático em estudo. “Disso ocorre que é a partir do contato com as formas do objeto, através da visão das cores do material de que ele é composto, bem como da percepção da sua textura pelo tato e da sua manipulação, que tem origem a construção de uma imagem mental<sup>10</sup>”. Ainda segundo Kallef:

A dificuldade de construção de uma imagem mental de um conceito matemático é ainda maior se pensarmos no aluno com deficiência visual (cego ou com baixa-visão), pois, para ele a manipulação de um recurso concreto é imprescindível para que, por meio do tato, perceba a forma, o tamanho, as texturas etc., que vão determinar as características do

---

<sup>8</sup> KOEPEL, Ana Paula Poffó. *Materiais Didáticos no ensino de Matemática para estudantes com deficiência visual*. Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. Curitiba-PR, 12 A 14 de Novembro de 2016.

<sup>9</sup> KALEFF, Ana Maria R. (Org.). *Vendo com as mãos, olhos e mente: Recursos didáticos para laboratório e museu de educação matemática inclusiva do aluno com deficiência visual*. Niterói: CEAD / UFF, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B0M9GEU6FsoVRGRoQTZmWTRhTGM/view?ts=5787e9f0>. Acesso em: 30 de fevereiro de 2020.

<sup>10</sup> Ibid., p. 30.



ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.

elemento matemático modelado no recurso manipulativo. É importante estarmos atentos para o fato de que, no caso do aluno necessitar visualizar (na mente) um conceito matemático, um modelo concreto desse conceito pode servir de representação visual (ou tátil) para gerar uma imagem mental. Esta primeira imagem dá partida um processo de raciocínio no qual, dependendo das características do conceito matemático, o aluno recorre à habilidade da visualização para executar diversas operações mentais, as quais geram outras imagens mentais ou representações do conceito. Essas representações podem ser expressadas por meio de um desenho ou de outro modelo concreto do conceito matemático em questão. É por essa razão que a utilização de uma grande variedade de modelos concretos representantes de uma mesma ideia matemática pode auxiliar o aluno a reconhecer que algumas propriedades do conceito matemático transcendem as propriedades materiais dos modelos, tais como tamanho, cor e textura e, portanto, essas não pertencem ao mundo ideal da Matemática.<sup>11</sup>

Neste sentido, Koepsel traz exemplos de materiais didáticos que contribuem para o ensino de matemática. Koepsel nos diz que esses materiais são frutos de uma pesquisa desenvolvida, e alguns já são utilizados por professores para auxiliar alunos com deficiência visual. A autora cita vários exemplos, de jogos que podem ser fabricados pelos professores regentes e de apoio para que o ensino de matemática para os deficientes visuais se torne mais compreensível. Koepsel<sup>12</sup> cita alguns exemplos de jogos:

**Jogos de Encaixe:** com este material os estudantes analisam as diferentes formas, tamanhos, entendem conceitos de maior e menor, de figuras geométricas, entre outros.

**Dominó com texturas e numerais:** Este material estimula a percepção tátil dos estudantes, é utilizado para explorar conceitos de relação e de quantidade. O dominó pode ser construído com EVA e ou madeira MDF e pode ser utilizado por todos estudantes. Para jogá-lo deve-se unir o algarismo apresentado e alto relevo a quantidade que representa o mesmo número.

É importante dizer que são jogos que podem ser utilizados por toda a turma. Acredito que é importante também que os professores priorizem essa socialização entre os alunos com deficiência e os demais estudantes, ou seja, os materiais didáticos adaptados podem também ser fonte de conhecimento para todos os alunos, dessa forma o aluno com deficiência pode se sentir mais acolhido e sentir que faz parte da turma. De

---

<sup>11</sup> KOEPESEL, Ana Paula Poffo. *Materiais Didáticos no ensino de Matemática para estudantes com deficiência visual*. Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. Curitiba-PR, 12 A 14 de Novembro de 2016. 31.

<sup>12</sup> Ibid., p. 7-8.

ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.

acordo com documento do MEC<sup>13</sup> sobre deficiência visual, ao criar novos recursos didáticos adaptados para o aprendizado dos alunos com algum tipo de deficiência, o professor beneficia toda a classe, uma vez que estará fazendo uso de materiais concretos que facilitará a compreensão de todos. “Assim, o professor não precisa mudar seus procedimentos quando tem um aluno com deficiência visual em sua sala, mas apenas intensificar o uso de materiais concretos, para ajudar a abstrair os conceitos”<sup>14</sup>. Nesse sentido, o documento nos traz dois exemplos de materiais pedagógicos que podem auxiliar no ensino de matemática para deficientes visuais: sorobã<sup>15</sup>, ou ábaco.

Dessa forma vemos o quanto materiais didáticos adaptados, podem auxiliar na aprendizagem dos alunos com deficiência visual e todos alunos da turma. Um dos principais problemas na escola em que atuo é a falta de materiais adaptados para o ensino dos alunos com algum tipo de deficiência, não somente visual, mas também a deficiência intelectual e as demais. No mínimo, os livros didáticos utilizados nas disciplinas deveriam ser disponibilizados garantindo a adaptação para cada tipo de deficiência. No caso do aluno Rafael, alguns livros utilizados na escola têm disponibilidade para serem baixados e através dos programas instalados no seu computador e no meu é possível que façamos a leitura, mas não são todos os livros de estão disponíveis para baixar.

O rendimento escolar do Rafael é surpreendente, apesar das dificuldades o aluno demonstra muito interesse, sempre repassa o conteúdo em casa, através do braile, faz parte de uma banda, sendo vocalista da mesma e toca vários instrumentos. Sem dúvida o interesse do aluno ajuda bastante na minha atuação como professora de apoio, assim como seu ambiente familiar, que apesar de ser de origem humilde, ele mesmo diz que tem o intuito de ser um exemplo para todos os alunos que possuem alguma deficiência, quer cursar uma Universidade.

Devido a esse interesse dele, com o aval da sua família, ao apresentar um trabalho sobre minha experiência como professora de apoio no Instituto Federal do Triângulo Mineiro, ele me acompanhou para contar um pouco da sua estória de vida, suas

---

<sup>13</sup> GIL, Marta. *Deficiência visual*. Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000. p.24.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>15</sup> O sorobã, ou ábaco, é um instrumento usado tradicionalmente no Japão para fazer cálculos matemáticos (muito antes das maquininhas eletrônicas). Ele torna possível realizar as operações matemáticas (adição, subtração, multiplicação, divisão, radiação e potencialização) com rapidez e eficiência. Além de tudo, é um objeto de baixo custo e grande durabilidade. No Brasil, o sorobã foi adaptado para o uso de deficientes visuais em 1949, e é hoje adotado em todo o país. Ver: GIL, Marta. *Deficiência visual*. Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000. p. 49.



**ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.**

dificuldades, seus sonhos. Sua fala emocionou a todos, pois apesar da pouca idade, é um aluno muito determinado e que deseja inspirar a todos.

### **Conclusão**

Através desse relato de experiência em relação a inclusão do aluno com deficiência visual no cotidiano de uma educação voltada para a inclusão, através do meu trabalho como professora de apoio, e através da discussão bibliográfica feita no decorrer desse trabalho, apresentarei aqui resultados que foram alcançados em relação a educação inclusiva. Espero ter contribuído para uma discussão importante sobre alunos com deficiência visual, uma vez que expus meu cotidiano escolar juntamente com o aluno Rafael, as dificuldades no processo ensino aprendizagem, as mudanças necessárias na infraestrutura da escola, bem como no relacionamento das professoras regentes comigo e todas as demais professoras de apoio. Acredito que os resultados que devem ser esperados em sala de aula e no cotidiano escolar como um todo é o desenvolvimento dos alunos com deficiência visual em todos os aspectos cognitivos e de interação.

Através da bibliografia consultada, vê-se que para que o processo inclusivo ocorra da melhor maneira, é necessário o trabalho tanto das professoras de apoio, quanto do trabalho do professor regente, da escola como um todo, e uma maior integração dos pais dos alunos, pois os mesmos devem incentivar seus filhos em casa. A inclusão é um processo que envolve família, escola e comunidade escolar. Vale lembrar que, a inclusão é um processo que deve ser visto de forma contínua, pois o mesmo tem sempre o que melhorar a partir de olhares atentos sobre os pontos positivos e os negativos. Justamente por isso é necessário que haja uma troca maior entre os componentes da escola, principalmente a professora regente, professora de apoio, professora da sala de recursos multifuncional. É necessário que as estratégias de ensino, bem como novos materiais didáticos sejam construídos e pensados por todos os integrantes da escola.

É necessário que a comunidade escolar, principalmente os professores estejam atentos, elaborem estratégias e criem novos planejamentos em relação ao ensino. O currículo e formas de avaliação não devem ser fixos, mas devem respeitar a individualidade de cada aluno e deficiência. É necessária a busca por aprimoramento de

**ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.**

métodos qualitativos em que os alunos sejam totalmente ativos no processo de aprendizagem e inclusão.

Por isso é tão importante que os professores estejam atentos a formação continuada, uma vez que eles necessitam estar sempre em contato com as mais diversas informações para poderem tornar a prática pedagógica uma arte diária, em que o objetivo é estar preparado para trabalhar com as particularidades de cada aluno. Portanto, para que esta aprendizagem se concretize é necessário que os professores além de realizarem um trabalho sistemático, aliado a diversas ferramentas de ensino, que leve em consideração a realidade social e a bagagem cultura que os alunos levam para sala de aula, é necessário trabalhar com a interdisciplinaridade.

Através da bibliografia consultada posso ver que por mais que haja dificuldades em relação ao meu trabalho, pelos diversos pontos negativos que já relatei no decorrer do trabalho, a minha constante vontade de continuar aprendendo, as Pós graduações na área de Educação especial, bem como a constante consulta a novos materiais didáticos sobre deficiência visual e várias outras deficiências contribuem significativamente para que eu possa auxiliar de forma coerente os alunos com deficiências. Acredito que um ponto que procurei defender em todo esse trabalho com relação ao tema de educação inclusiva é estar atento a confecção de novos materiais didáticos, cobrar do governo que ele disponibilize esses materiais, lutar dentro do próprio ambiente escolar para que haja mais reuniões, planejamentos coletivo sobre o conteúdo a ser ministrado em sala de aula, bem como trocar experiências sobre o aprendizado, dificuldades e êxitos dos alunos com deficiência.

É necessário “desconstruir” saberes estabelecidos, metodologias prontas e avaliações permanentes. É preciso entender a singularidade de cada aluno, comemorar juntamente com eles cada avanço, sucesso e novo aprendizado, estar atento as suas principais dificuldades. No caso do Rafael, é notório o quanto o meu empenho em ajudá-lo, criar materiais com ele, ouvir o que ele tem a dizer é imprescindível para seu crescimento como sujeito e no processo de aprendizado cotidiano da sala de aula.

Claro, o Rafael é um caso particular, mas há outros alunos na escola com outros tipos de deficiências que infelizmente ainda nem sabem ler, e estão em anos avançados. Acredito que cada aluno com algum tipo de deficiência deveria ter um professor de apoio, infelizmente muitos professores de apoio ficam sobrecarregados, no meu caso, ano



ESPÍNDOLA, P. C. M.; MURAD, C. R. R. O.

passado, estive com 06 alunos. Isso, porque algumas escolas não conseguem nenhum professor de apoio, na sala de aula fica o professor regente com o aluno com alguma deficiência. Não adianta o governo fazer novas resoluções, a escola ter orgulho de ter uma educação inclusiva se não houver mudanças de fato. O caso do Rafael é motivo para que eu continue lutando e acreditando que eu posso fazer diferença em relação a educação inclusiva, mas compreendo também que ainda há muito o que fazer para que a inclusão seja uma realidade nas escolas brasileiras.

### Referências

D'AGOSTINI, Fabiana Piccoli. **Concepções de professoras que atuam na escola especial sobre a inclusão de alunos no ensino regular**. Dissertação de Mestrado. Universidade Do Oeste de Santa Catarina. 2011.

FONSECA, Waldecy de Nazaré da. **O uso do software dosvox na educação dos deficientes visuais**. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá. 2012.

KALEFF, A. M. M. R. (Org.). **Vendo com as mãos, olhos e mente: Recursos didáticos para laboratório e museu de educação matemática inclusiva do aluno com deficiência visual**. Niterói: CEAD/UFF, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B0M9GEU6FsoVRGRoQTZmWTRhTGM/view?ts=5787e9f0>. Acesso em: 12 set. 2020.

KARPINSKI, Carmem Salete W. **A inclusão social e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular**. 93 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste de Santa Catarina. Joaçaba, 2009.

KOEPSSEL, Ana Paula Poffo. **Materiais Didáticos no ensino de Matemática para estudantes com deficiência visual**. Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. Curitiba-PR, 12 A 14 de Novembro de 2016.

ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O.

**Como citar este artigo (ABNT)**

ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O. **A inclusão do aluno deficiente visual na escola regular.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 3, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

**Como citar este artigo (APA)**

ESPÍNDOLA, P. C. M; MURAD, C. R. R. O. **A inclusão do aluno deficiente visual na escola regular.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.



INICIAÇÃO  
&  
FORMAÇÃO  
DOCENTE

